

INDÍCIOS NOS ARQUIVOS PESSOAIS: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O PAPEL DE SALETE NAVARRO NA PRESERVAÇÃO DO ACERVO NEWTON NAVARRO

Dayane Ponciano de Lima

O objetivo desse texto é apresentar algumas reflexões que surgiram durante o tratamento técnico e pesquisa realizada com os documentos do arquivo pessoal do artista plástico e escritor potiguar, Newton Navarro Bilro (1928-1992). Inicialmente, faremos uma apresentação sobre a instituição de custódia que recebeu a doação desse arquivo. Apresentaremos o contexto histórico sob o qual viveu o personagem desse arquivo, seus espaços de convivência e atuação profissional. No entanto, daremos destaque, especialmente, às ações empreendidas pela esposa do titular do arquivo, Maria Salete Navarro Bilro, que assumiu o papel de ser a “guardiã da memória” (Gomes, 1996). Salete foi uma agente direta no processo de acumulação dessa documentação e, após o falecimento do seu esposo, trabalhou para manter a conservação do seu arquivo como forma de perpetuar a imagem do artista através desses documentos. Diante das interferências realizadas na elaboração desse conjunto documental e da criação de uma memória laudatória de Newton Navarro, refletiremos sobre a construção de um “arquivo a várias mãos” e da defesa de um “legado” do artista (Heymann, 2009).

O centro de documentação e a sua missão

Nos últimos seis anos, professores ligados ao Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN têm coordenado trabalhos de pesquisa e de tratamento técnico junto ao acervo do Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza - CEDOC. A instituição, fundada em 2003, é responsável pela custódia de arquivos pessoais de personalidades que tiveram destaque na política, nas letras e arte, produzidas no estado Rio Grande do Norte, e também de arquivos institucionais sobre atividades

desenvolvidas pela Secretaria Extraordinária de Cultura (Fundação José Augusto - FJA), órgão responsável pela administração do CEDOC. Por meio da FJA foram estabelecidos convênios com a UFRN e a Universidade Potiguar - UnP (uma instituição privada de Ensino Superior no estado), a partir dessas parcerias, professores e alunos bolsistas da Graduação e Pós-Graduação em História dessas duas Universidades, têm se dedicado à pesquisa e à organização dos arquivos pessoais sob guarda do CEDOC.

Segundo Angela de Castro Gomes (2004), as últimas décadas do século XX são marcadas pelo aumento do número de instituições para abrigar os arquivos privados, e crescimento do debate em torno das produções biográficas. Seguindo esse movimento, o CEDOC foi criado com a finalidade de ser um “lugar de memória” (Nora, 1993) para os norte-rio-grandenses. O Centro de Documentação assumiu a responsabilidade de funcionar como um espaço de preservação da memória potiguar. Para isso, foi aplicada uma política de aquisição de fundos documentais de indivíduos que obtiveram notoriedade em função da sua atuação política ou intelectual no estado. Sobre o conceito de “lugares de memória”, Nora afirma:

A razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar no tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para [...] prender o máximo de sentido no mínimo de sinais. (Nora, 1993: 22)

As políticas de tratamento e preservação de acervos das instituições de custódia do Rio Grande do Norte, ainda são muito rudimentares. O trabalho realizado pelos historiadores junto ao acervo do CEDOC tem como objetivo principal catalogar esses materiais e garantir que o acesso a essa documentação seja realizado de maneira segura. No entanto, prosseguir com o trabalho de organização de arquivos pessoais tão ricos de conteúdo e de diferentes tipologias documentais, não é uma tarefa fácil e rápida. A falta de investimento na estrutura das instituições, as mudanças na gestão dos órgãos públicos e necessidade de contratação de profissionais com experiência para esse tipo de trabalho, é um desafio que se apresenta.

Com a atuação dos pesquisadores da UFRN e Unp, foi realizada até o momento a catalogação de cinco arquivos pessoais. Dentre os arquivos pessoais catalogados temos o fundo Newton Navarro Bilro (1928-1992), que chegou a instituição no ano de 2014.

Histórico do produtor do arquivo

Newton Navarro Bilro nasceu no dia 08 de outubro de 1928 em Natal, capital do Rio Grande do Norte. Viveu sua infância e adolescência na capital natalense, estudando em instituições de ensino renomadas. Aos 17 anos Navarro mudou-se para a cidade de Recife a fim de concluir o curso colegial, e logo depois, ingressar na Faculdade de Direito, como desejavam os seus pais. Porém, a experiência de vivenciar outro ambiente e a aproximação que Newton teve com intelectuais e artistas pernambucanos foram decisivas para que o mesmo escolhesse seguir uma formação artística.

A Recife da década de 1940 era um grande ponto de reunião de intelectuais e grandes artistas. No período em que esteve morando na capital, Navarro teve acesso a personalidades como Gilberto Freyre, Francisco Brennand, e foi aluno de Lula Cardoso Ayres na Escola de Belas Artes do Recife. A convivência entre intelectuais e literários pernambucanos, apontava os caminhos pelos quais seguiria o jovem Newton. Após a formação na Escola de Belas Artes, Navarro teve a chance de presenciar uma exposição do modernista Cícero Dias. Essa exposição é considerada o ponto crucial para o início da carreira de Navarro e o que lhe daria motivação para organizar o movimento da Arte Moderna em Natal. A experiência em Pernambuco também proporcionou o contato de Navarro com pessoas ligadas ao Movimento de Escolinhas de Arte do Brasil. Posteriormente, o artista fundaria em Natal a Escolinha de Arte Cândido Portinari - EACP, com o mesmo modelo pedagógico seguido pelo movimento nacional.

Navarro retornou a Natal em dezembro de 1948 e realizou uma exposição individual no *1º Salão de Arte Moderna* do Rio Grande do Norte. O movimento de Arte Moderna na capital potiguar teve início durante um período no qual a cidade passava por diversas transformações em seu cotidiano. Existiam várias galerias de arte e salões de exposições e Newton também tinha uma boa relação com o núcleo de intelectuais potiguares, formado por personagens como Luiz da Câmara Cascudo, Zila Mamede e Veríssimo de Melo. Natal vivenciava uma experiência de efervescência cultural deixada pela ocupação americana durante o período da Segunda Guerra Mundial. A cidade atravessava um processo de urbanização que, segundo o historiador Arthur Torquato, se assemelhava “à política de urbanização que vinha ocorrendo no Rio de Janeiro, desde a gestão de Pereira Passos, nos primeiros anos de 1900” (Torquato, 2011: 14). Esse foi então o ambiente propício para Navarro iniciar sua carreira.

Navarro também se destacou por outros elementos peculiares, como o seu estilo de vida boêmio, autenticidade e despreendimento dos bens materiais. Sobre essa última peculiaridade, Azevedo (2013) comenta sobre a existência de um hábito constante em presentear amigos com suas obras, ou cobrar uma quantia muito reduzida em relação ao real valor da obra. A autora também destaca a pouca estabilidade financeira do artista, cita como exemplo as diversas mudanças de residência em diferentes bairros, morando em todos eles em casas de aluguel. Veio adquirir casa própria já nos últimos anos de vida.

Convivia na companhia de pescadores, rendeiras e donos de bares. Seus espaços de sociabilidade eram os bairros da região portuária como o bairro das Rocas, Ribeira, Santos Reis e a Praia da Redinha, esses espaços de convivência eram cenários que contribuíam com o afloramento da criatividade de Navarro para a produção de suas obras de arte, crônicas e contos.

Tanto nas suas obras de arte quanto nas produções literárias, descrevia a paisagem da cidade de Natal, as manifestações culturais e o cotidiano simples do homem sertanejo. Newton também teve importante atuação na imprensa norte-rio-grandense, escreveu diversas crônicas para o jornal *A República*, com conteúdos que transmitiam ao leitor do jornal, um pouco do cotidiano natalense a partir das experiências observadas nos espaços frequentados pelo cronista. “As crônicas de Newton Navarro constituíam um material destinado ao consumo diário do leitor. O autor escrevia, pois, de forma clara, direta e simples” (Freitas e Arrais, 2013: 1-2).

As décadas de 1950 a 1970 foram as mais representativas para sua carreira artística. Navarro realizou exposições em várias capitais brasileiras como Rio de Janeiro, Brasília e Salvador. Nessas outras cidades também matinha uma rede de contatos com artistas e intelectuais, como por exemplo, Jorge Amado e com a família do pintor Cândido Portinari. Expôs na Europa na década de 1960 e em 1975, participou de uma exposição coletiva em Washington. O artista atuou como pintor, professor de arte e escritor, tendo publicado livros de contos, poesias, crônicas e a novela *De Como se Perdeu o Gajeiro Curió*, uma das suas obras de maior destaque. Navarro destacou-se com a atividade de escritor, e em 1967 foi indicado para a cadeira de número 37 da Academia Norte-Riograndense de Letras.

Mesmo com todo sucesso alcançado durante esse período, os últimos anos de atividade foram marcados por diversas pausas. Essas interrupções eram relacionadas ao

seu frágil estado de saúde. Famoso pelo seu estilo de vida boêmio e pelo consumo excessivo de bebidas alcoólicas, o pintor sofria com crises hepáticas ou renais, que o deixavam fora de atividade. Os últimos anos em que esteve ativo profissionalmente foram assim. Passou seus últimos anos na companhia de sua esposa, o pintor não deixou filhos e faleceu em março de 1992.

O arquivo pessoal Newton Navarro

A documentação acumulada junto ao arquivo pessoal de Navarro chegou ao CEDOC passados mais de 20 anos do falecimento do pintor. O arquivo já tinha passado por algumas tentativas de organização (que detalharemos mais adiante) que não obtiveram sucesso. Inicialmente, o CEDOC recebeu a doação dos documentos que se encontravam na residência do sobrinho de Salete Navarro. Essa parcela do arquivo estava em bom estado de conservação, e era constituída basicamente por cadernos de anotação, pelas crônicas publicadas em jornais, iconográficos, cadernos de desenho, cartas, telegramas, encartes de divulgação sobre as exposições, documentos sobre a Escolinha de Arte Cândido Portinari, calendários e cartões comemorativos ilustrados com desenhos ou pinturas de autoria do artista, cartões postais e documentos pessoais.

O contato com essa parcela da documentação nos permitiu perceber que para além da dedicação às artes plásticas, o artista inclinava-se muito à atividade da escrita. Grande parte do seu arquivo é composta por documentos escritos à mão. Em meio a esses, encontramos desde anotações aleatórias, até versões completas de contos, novelas e peças de teatro produzidas pelo artista.

Posteriormente, recebemos a doação do restante do arquivo que estava localizado na antiga residência do pintor. Essa parte do arquivo estava bastante deteriorada, devido ao período em que a casa esteve fechada, e pelos efeitos causados pela umidade, calor, poeira e proliferação de fungos. Os documentos provenientes da segunda doação eram em sua grande maioria, constituídos por documentos bibliográficos, tratava-se da biblioteca do pintor e da sua esposa. Mais de 1.400 livros da biblioteca particular do artista foram identificados. Junto com a biblioteca, também chegaram ao Centro de Documentação diversos itens tridimensionais (pinceis, paletas, esculturas de autoria do artista e outros instrumentos utilizados para pintura), revistas de arte e cultura, e jornais com notícias sobre suas exposições, entrevistas com Navarro e outras menções ao artista.

Todo esse conjunto documental reúne registros desde a adolescência de Newton Navarro, passando por todo seu período de atividade profissional, até os documentos acumulados postumamente ao arquivo. É perceptível o cuidado em documentar a trajetória de vida do artista, principalmente os registros que dizem respeito à sua atuação profissional. O exercício de arquivamento pode estar atrelado a uma tentativa de construir uma memória sobre si. Philippe Artières apresenta esse exercício como uma intenção de biografar-se.

Dessas práticas de arquivamento do eu se destaca o que poderíamos chamar uma intenção autobiográfica. [...] Escrever um diário, guardar papéis, assim como escrever uma autobiografia, são práticas que participam mais daquilo que Foucault chamava a preocupação com o eu. [...] nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência. (Artières, 1998: 11)

No entanto, as intervenções mais visíveis no conjunto dos documentos do arquivo, não dizem respeito à ação do produtor, mas sim às ações de sua esposa, Salete Navarro. Direcionaremos a partir de então o foco desse texto para a atuação de Salete enquanto colaboradora e organizadora dos documentos que compõem o arquivo pessoal Newton Navarro.

A colaboração de Salete Navarro na acumulação do arquivo

Maria Salete de Souza (1931-2007) casou-se com Newton Navarro no ano de 1980, e desde então, passou a adotar o sobrenome do esposo. Porém, os primeiros registros que temos conhecimento sobre a presença de Salete na vida do artista, datam da década de 1960, momento em que, segundo sugere a jornalista Sheyla Azevedo (2013), a pedido de Newton, Salete participou de um curso intensivo no Rio de Janeiro para formação de educadores da Escolinha de Arte do Brasil.

Como já mencionado anteriormente, Navarro teve contato com o Movimento de Escolinhas de Arte durante sua temporada em Recife na década de 1940, assim sendo, em 1962 o artista criou a Escolinha de Arte Cândido Portinari e Salete passou a ser sua grande colaboradora nesse projeto, pois a mesma já tinha acumulada uma experiência anterior com atividades pedagógicas na Escola Doméstica de Natal.

Iniciadas as atividades da EACP, Salete assumiu a coordenação da escola, tornando-se responsável pela pedagogia adotada na instituição e pelas turmas de alunos. Vicente Vitoriano Carvalho, em sua pesquisa sobre pedagogia da arte no Rio Grande do Norte dá ênfase para a participação de Salete na estruturação da Escolinha de Arte em Natal. De acordo com autor, “teria sido Salete Navarro, [...] o “cérebro pedagógico” da EACP. Salete, e não Navarro, é que sistematizou um estudo sobre arte na educação no Curso Intensivo de Arte e Educação da EAB, em 1961” (Carvalho, 2001: 3, grifo do autor).

Para além das funções administrativas na EACP, Salete assumiu o lugar de amiga e secretária particular de Navarro, tendo controle das agendas, do faturamento com as vendas das obras do artista, entre outras funções administrativas, antes mesmo do casamento entre os dois. Pelas mãos de Salete passaram toda produção documental gerada da trajetória de vida de Navarro. Salete não foi produtora direta, pois os documentos do arquivo foram originados a partir das atividades do seu esposo e fazem menção a ele, mas imprimiu a sua marca na configuração final do arquivo, deixando diversos indícios de suas intervenções nesses documentos.

Ao obtermos contato com os documentos do fundo documental é perceptível a intervenção de Salete na organização dos materiais do arquivo, principalmente o cuidado em relação aos jornais, registrando as datas, corrigindo dados que por ventura estivessem incorretos, destacando trechos que fizessem menção a Newton. Também anexava mais informações aos documentos, descrevendo sobre qual ocasião aquele documento se referia, identificando pessoas, inserindo locais e datas dos acontecimentos.

Salete tinha a condução de todas as questões referentes a Newton. Era o ponto de concentração dos eventos que marcaram a vida de Newton Navarro. Ela era a figura constante na maior parte da sua trajetória como artista, e o auxiliava em todas as questões.

Segundo Angela de Castro Gomes, “Ser guardião torna-se um ‘projeto’” (1996: 22, grifos da autora). Ao assumir a função de “guardar a memória” de Navarro, Salete passou a atribuir aos documentos do arquivo um valor simbólico e de representação da trajetória do artista. Ainda segundo a autora:

Os “objetos de memória” são eminentemente bens simbólicos que contêm a trajetória e a afetividade do grupo. Sejam documentos, fotos, filmes, móveis, pertences pessoais, etc., tudo tem em comum o fato de dar sentido pleno, de “fazer viver” em termos profundos o próprio grupo. Tais objetos podem ser,

assim, um bom exemplo do que Pierre Nora consagrou, em sua metodologia, com a designação de “lugares da memória”. (Gomes, 1996: 21, grifos da autora)

Quando nos referimos a arquivos de homens públicos, é comum termos a interferência de mulheres próximas, como esposas ou secretárias na administração desses documentos. A acumulação desses fundos passa a configurar-se como coletiva. Assim como afirma Luciana Heymann, “o processo de seleção e ordenamento dos documentos é muitas vezes um empreendimento coletivo, especialmente no caso de homens públicos, para quem secretárias e colaboradores podem ser agentes decisivos do processo” (Heymann, 2005: 47).

A atuação de Salete na acumulação desses documentos ultrapassa inclusive o próprio período de atividade de Navarro, pois mesmo após o falecimento do artista, Salete continuou com a prática de reunir materiais que diziam respeito à memória do seu esposo, como também acumulou variados documentos relacionados às homenagens póstumas. Várias celebrações religiosas e exposições foram realizadas a pedido de Salete como forma de homenagear o esposo. Geralmente eram eventos realizados nas datas do aniversário de falecimento de Newton, e do aniversário natalício do mesmo. Nos documentos do arquivo estão presentes vários cadernos com planejamento desses eventos, contatos telefônicos das pessoas que eram avisadas da ocasião, toda programação do que seria feito e lista das obras que seriam expostas.

Após o falecimento do artista, ela passou a ser a representante oficial de Newton, a responsável por prosseguir com o seu legado e guardar a sua memória. Essa função de guardiã das memórias de Navarro estava associada à Salete, pois a mesma ocupava a posição de uma testemunha privilegiada, a que pôde conviver com o produtor do arquivo e que detinha as informações particulares sobre a intimidade desse sujeito.

O guardião ou mediador, como também é chamado, tem como função primordial ser um 'narrador privilegiado' da história do grupo a que pertence e sobre qual está autorizado a falar. Ele guarda/possui as 'marcas' do passado sobre o qual se remete, tanto porque se torna um ponto de convergência de histórias vividas por muitos outros grupos (vivos e mortos) quanto porque é o 'coleccionador' dos objetos materiais que encerram aquela memória. (Gomes, 1996: 21, grifos da autora)

Em diversos momentos, Salete Navarro manifestou o desejo de assegurar a boa conservação dos documentos do arquivo de Navarro. Nos registros presentes no fundo,

notamos que Salete buscava apoio com profissionais que pudessem auxiliá-la na gestão daqueles materiais. Membros da UFRN, da Fundação José Augusto e colegas de Newton Navarro são mencionados ou aparecem como executores de ações para preservação do arquivo.

Um exemplo dessas ações é a existência de em livro de tomo no arquivo pessoal de Navarro, com os títulos pertencentes á biblioteca de Newton Navarro. Esse levantamento foi realizado entre os anos de 1993 e 1994, e serviu de auxílio para os pesquisadores do CEDOC durante o trabalho de identificação das obras. Na época, os profissionais da FJA, contabilizaram 1765 exemplares da biblioteca particular de Newton. Cerca de 350 a mais, se compararmos com a quantidade atual presente no acervo do CEDOC.

Diante desses fatores, devemos considerar que o arquivo de Newton Navarro foi uma construção coletiva e com várias interferências. A documentação que atualmente está sob guarda do CEDOC, chegou ao Centro de Documentação com diversas intervenções de profissionais que pensaram sobre o arquivo de Newton Navarro e contribuíram com a organização exercida por Salete.

Salete Navarro e a tentativa de institucionalizar a memória de Newton Navarro

Creio que a principal ação de Salete na tentativa de manter viva a memória sobre Newton Navarro, tenha sido o processo de institucionalização dessa memória, através da criação de uma Casa de Cultura que levaria o nome do seu esposo. Esse espaço seria a configuração ideal de um lugar de memória concreto, e de associação imediata ao legado e à trajetória de vida do seu esposo.

Salete ao planejar a construção da Casa de Cultura Newton Navarro - CCNN, mesmo que não fosse de maneira intencional, estava tentando projetar a imagem do esposo através de uma construção que representasse o seu legado pelas gerações futuras. Era a tentativa de “driblar o esquecimento que a morte encerra” (Heymann, 2009: 139).

Newton Navarro nos seus últimos anos de vida vivenciava o isolamento de um homem quase que esquecido, e que enfrentava um longo período de enfermidade. “Doente, vivendo com sua esposa na Rua dos Potiguares, no bairro de Nazaré, Newton já não recebia tantas visitas” (Azevedo, 2013: 147). Em alguns depoimentos divulgados pela imprensa, era nítida a insatisfação da viúva de Navarro com a maneira como a memória

de Newton estava sendo tratada e pela falta de incentivo do Estado para preservação do legado deixado pelo artista.

Os primeiros registros que fazem menção à criação de uma Casa de Cultura são referentes ao ano de 1993, quando Salete passou a se reunir com colegas de Navarro e a definir os objetivos e finalidades que a instituição pretendia atender. Inúmeros foram os esforços para a construção do local, tentativas de conseguir um prédio para funcionamento da sede da instituição, parcerias estabelecidas com departamentos da UFRN, busca de apoio com secretarias do governo do estado, até solicitações de compra de imóvel junto a Arquidiocese de Natal.

Durante boa parte dos anos 1990, Salete e colaboradores que apoiavam a ideia da Casa, pensaram no modelo que a instituição deveria adotar. Existia um cronograma de atividades para estruturação do projeto da CCNN, esse cronograma listava atividades como organização do espaço físico, catalogação de quadros, de livros ilustrados por Navarro, da biblioteca particular, dos livros e crônicas de autoria de Navarro, dos estudos e ensaios, das peças teatrais, e por fim, planejavam a elaboração de um catálogo geral dos documentos e elaboração do estatuto da CCNN.

Através da criação da CCNN, Salete buscava a legitimidade e reconhecimento histórico de Newton Navarro como uma personalidade a ser lembrada na cidade de Natal. A instituição chegou a ser registrada em cartório e contava com uma lista de sócios contribuintes, porém nunca conseguiu funcionar em uma sede fixa. Em novembro de 2001 Salete e alguns colegas do seu esposo se reuniram e fundaram a Casa de Cultura Newton Navarro e formaram uma comissão diretora encabeçada pela esposa do artista. A instituição passou a funcionar na residência onde Salete morava. A casa também foi o local onde Newton viveu os seus últimos dias. Os espólios de Navarro estavam organizados nessa residência que funcionou como a CCNN por pelo menos cinco anos, até o momento da viúva do artista ser acometida por enfermidades.

Mesmo com um curto tempo de atividade, a CCNN funcionou como uma casa/museu aberta à visitação do público. Algumas exposições também foram organizadas, principalmente a partir de parcerias firmadas com departamentos de cursos da UFRN.

Todos esses esforços para construção de um espaço de guarda do patrimônio deixado pelo artista aliam-se a ideia de defendida por Nora, de que os lugares de

memória são gerados a partir da percepção de uma ausência da memória espontânea. Para suprir essa lacuna apresenta-se a necessidade de “se criar arquivos, [de] que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais” (Nora, 1993: 13). “E nesses “lugares”, tanto da memória coletiva quanto individual, pretende-se a cristalização do tempo” (Fraiz, 1998: 67, grifos da autora).

A institucionalização da figura de Newton Navarro o colocaria na posição de uma pessoa célebre e trabalharia a questão da construção de identidades em torno da sua memória. A busca pela legitimidade da trajetória de um personagem faz parte de “uma idéia que confere à vida individual uma importância até então desconhecida, tornando-a matéria digna de ser narrada como uma história que pode sobreviver na memória de si e dos outros” (Gomes, 2004: 12).

O ato de tornar institucional a trajetória de um indivíduo pode ser tomado como uma indicação de monumentalização da memória do personagem. Ações desse tipo são percebidas em torno de figuras que possuíram algum tipo de prestígio em meio à sociedade, geralmente surgem por meio de iniciativas dos herdeiros que anseiam pela criação de um lugar que possa:

Resgatar, preservar e divulgar a memória do personagem, constituindo-se em um espaço para a evocação de sua imagem e a atualização de sua trajetória, lembrada e ressignificada em trabalhos acadêmicos, exposições, eventos e comemorações. O acervo do titular, por meio desse processo, é aproximado da noção de “legado” histórico, inserindo-se no universo dos bens simbólicos reunidos sob a chancela do “patrimônio” ou da “história” nacionais. (Heymann, 2005: 50)

Ainda sobre as ações de Salete em torno de um discurso laudatório sobre o seu esposo, temos um evento que foi colocado em segundo plano aqui em nossa discussão, mas que também merece ser mencionado. Trata-se da construção da ponte estaiada, localizada na capital natalense, que possibilita um rápido trajeto entre as Praias do Forte e da Redinha. A tal ponte foi batizada com o nome de “Ponte de Todos - Newton Navarro”. O projeto inicial de construção da ponte é referente ao ano de 1992. Em meio a diversos escândalos envolvendo superfaturamento e após mudanças de gestões do Governo do Estado, a obra de construção da ponte foi retomada apenas no ano de 2004.

Enquanto se desenrolavam as questões burocráticas sobre a construção da ponte, Salete, juntamente com algumas pessoas ligadas ao jornalismo e à produção cultural no estado, liderou uma campanha que reivindicava o batismo da ponte com o nome de Newton Navarro. Foi uma longa discussão que envolveu outros setores da sociedade.

Em entrevista ao jornal *Diário de Natal*, Salete Navarro afirmou ter encabeçado uma campanha de abaixo assinado para que o nome do marido fosse homenageado através daquela construção. Salete conseguiu recolher milhares de assinaturas em apoio à escolha do nome de Newton Navarro para a ponte Forte-Redinha. Essas assinaturas estão no conjunto do arquivo pessoal de Navarro. Foram catalogadas mais de 200 páginas referentes ao abaixo assinado.

O processo de construção da Ponte de Todos - Newton Navarro durou mais de uma década. Em alguns momentos acreditou-se que essa obra não sairia do papel. Salete acompanhou todas as etapas de edificação da ponte, a escolha do nome do seu marido, porém acabou não presenciando a sua inauguração definitiva. Compreendemos essa ação como mais uma tentativa de perpetuar a imagem do esposo através da cristalização da memória do mesmo nesses espaços.

Considerações finais

O arquivo pessoal de Newton Navarro Bilro se apresenta como uma importante fonte para compreensão sobre o cotidiano da cidade do Natal em meados do século XX. O titular desse arquivo transitou por vários espaços tendo atuado politicamente e se configurado como um agitador cultural em uma capital que estava começando a respirar novos ares de modernidade. O produtor desse arquivo pessoal teve uma trajetória intensa e repleta de histórias interessantíssimas que poderiam render outras tantas discussões. Porém, o nosso escopo com esse texto era dar destaque, sobretudo, à atuação da sua esposa Salete Navarro, que por vezes assumiu o papel de coadjuvante nessa história, mesmo sendo uma figura ativa durante a trajetória de vida do pintor.

A relação de Salete com Newton foi muito duradoura, tanto como companheira de trabalho e secretária pessoal, quanto como esposa. Muitos materiais foram gerados após a morte do pintor. Exposições eram organizadas, lançamentos de obras, homenagens ao artista. Todos esses eventos acarretaram uma grande acumulação nos anos seguintes a sua morte.

As ações da esposa do produtor tanto nas interferências realizadas no conjunto do arquivo, quanto nas ações para criação de um espaço a fim de abrigar esse acervo, está associada a uma tentativa de evitar que a memória do personagem em questão caísse no esquecimento, fosse deturpada. Era clara a preocupação de Salete para que os registros sobre o seu esposo não fossem perdidos. Para isso era preciso resguardar, divulgar, republicar, expor esses materiais.

Era necessário criar uma identificação da sociedade para com aquele personagem em exposição. A preservação da memória de forma institucionalizada é um ato político que estabelece um discurso em relação ao passado e tem a capacidade de criação de identidades. Um dos objetivos a serem cumpridos pela CCNN era a retomada das atividades da Escolinha de Arte Cândido Portinari. No contexto de criação da Casa de Cultura, experiências semelhantes de escolas de arte voltadas para crianças estavam sendo desenvolvidas no estado, inclusive pela própria Secretaria de Cultura. Acreditamos que o fato da reativação da EACP ser colocado como um dos principais objetivos da CCNN estava atrelado à missão da Casa de Cultura em prosseguir com os trabalhos desenvolvidos pelo patrono da instituição e de “avançar em suas conquistas, empunhar suas bandeiras. [...] Nesse sentido, as instituições - e seus gestores- funcionam como agentes de mediação entre o passado (história, memória, acervo) e o presente (ação política)” (Heymann, 2005: 52).

Como mencionado no início desse texto, as décadas finais do século XX foram marcadas pelo surgimento de instituições de guarda. Tanto a Casa de Cultura Newton Navarro, como o Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, foram pensados durante esse contexto de valorização das memórias individuais e da “celebração do eu” - que se positiva em nossos dias pela profusão de escritas pessoais, relatos de testemunhos, publicações bem sucedidas de biografias e autobiografias” (Cunha, 2015: 255).

O CEDOC, por sua vez, tem assumido o papel de guardar a memória de personalidades potiguares e das manifestações culturais consideradas patrimônio do Rio Grande do Norte, através do tratamento dos seus arquivos. Os arquivos de pessoas custodiados por essa instituição se constituem como fontes importantes para pesquisas sobre de biografias e trajetórias, como também sobre o processo de “escrita de si” e do exercício de arquivar a si próprio. É natural do ser humano arquivar-se, até mesmo para se reconhecer através daqueles registros, como sugere Artières (1998). A acumulação

referente ao arquivo pessoal Newton Navarro, não apresenta apenas o arquivamento do produtor do arquivo. As ações executadas por Salete Navarro na produção desse fundo, a transformou numa colaboradora que também registrou sua própria história nesses documentos.

Referências

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, jul. 1998.

AZEVEDO, Sheyla. **Navarro um anjo feito sereno**. Ensaio biográfico sobre Newton Navarro. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2013.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivos pessoais são arquivos. **Revista do Arquivo Público Mineiro**. Belo Horizonte, v. 45, p. 26-39, jul-dez. 2009.

CARVALHO, Vicente Vitoriano Marques. **Bom dia, crianças!** Aspectos do ideário pedagógico da Escolinha de Arte Cândido Portinari. I Colóquio Nacional da AFIRSE - secção brasileira. 2001.

CUNHA, Maria Teresa. Territórios abertos para a História. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 251-279.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: USP, 2009.

FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 59-88, jul. 1998.

FREITAS, Viltany Oliveira; ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar; **Boemia na praia: memórias e crônicas de Newton Navarro**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais...** Natal, 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364729548_ARQUIVO_BoemianapraiamemoriasecrônicasdeNewtonNavarro.pdf>. Acesso em: 01 Dez. 2017.

GOMES, Angela de Castro. A Guardiã da memória. **Acervo**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 1-2, p. 17-30, jan-dez. 1996.

_____. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: GOMES, Angela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

HEYMANN, Luciana Quillet. Os "fazimentos" do arquivo Darcy Ribeiro: memória, acervo e legado. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 36, p. 43-58, jul-dez. 2005.

_____. **De arquivo pessoal a patrimônio nacional: reflexões sobre a construção social do "legado" de Darcy Ribeiro**. 2009. 247 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. Tradução de Yara Aun Khoury. São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

TORQUATO, Arthur Luís de Oliveira. **O plantador de cidades e a criação do espaço moderno: a construção de uma Natal moderna na administração de Sylvio Pedroza (1946 - 1950)**. 2011. 151 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.